

Brasil: A Batalha de 2010

“Quem vê cara não vê coração” ou
“O que os olhos não vêem o coração não sente”

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

caio@canaplan.com.br

Assisto aos programas jornalísticos sobre a reunião do clima em Copenhague, Dinamarca, e muitos fatos históricos me sacodem: onde está o foco sobre a fome, que minha geração tanto discutiu? Uma população crescente, de forma irracional, indica que seremos 9 bilhões de habitantes no Planeta Terra em 2040. Ou seja, mais 2,2 bilhões de pessoas para comer e beber nos próximos 30 anos! E a fome?

No final do século XVIII, Thomas Maltus, inglês, concluiu matematicamente que enquanto a população cresceria geometricamente, a oferta de alimentos ocorreria de forma aritmética..... é a fome, idiota!! Mas o pensador Maltus não previu a revolução agrícola; afinal, até o século XIX, o que acontecia era expansão horizontal da produção rural, onde havia água, terra boa e condições climáticas favoráveis. Isso explica tanta floresta na Rússia ou na Amazônia e não ter mais florestas na Europa Ocidental! Mas, vale dizer, a revolução verde ocorreu com as conseqüências do petróleo e seus sub-produtos ou da química, os grandes reis do século XX, sem os quais ela não teria sido o sucesso que foi.

Entre outras abordagens defensivas, gosto da lógica do Fernando Reinach quando diz que “o crescimento populacional somente prosperou graças à expansão da área cultivada para agropecuária; a conversão de 1 hectare de cerrado em 1 hectare de soja ou 10 m² de uma horta orgânica destroem a biodiversidade”. Mas, alimenta as pessoas, produz lenha.....

O pós 2ª Guerra Mundial mostrou, novamente, a face da fome.... para os ricos! Veio a revolução agrícola que fez dobrar a produção de alimentos com crescimento de 30% da área cultivada globalmente. E se tivesse sido 100%?

As últimas duas décadas do século XX caracterizaram a agricultura como o demônio a ser combatido pela Cruzada Ambientalista..... seria um outro tipo de Guerra Santa, também não tão santa assim.....

Voltando: E a fome?

Reinach trabalhou 3 cenários:

CENÁRIOS DA FOME			
ANO	CENÁRIO 1	CENÁRIO 2	CENÁRIO 3
2040	1 em cada 7 pessoas passa fome:	100% bem alimentada	2 em cada 7 pessoas passou fome:
	1,28 bi famintos 7,70 bi alimentados		2,50 bi famintos 6,50 bi alimentados
	Como? +33% de oferta de alimentos	Como? + 60% de oferta de alimentos	Como? +15 a 20% de oferta de alimentos

Além disso, nos próximos 50 anos o consumo de energia irá dobrar. Até lá, o mundo precisará cortar 50% das emissões mundiais dos gases do efeito estufa..... mas como?

A civilização pré-industrial dos sonhos ambientalistas resultaria, muito rapidamente, em fome global. A visão da tecnologia desenvolvida, com a preocupação ambiental da sustentabilidade do seu uso é a ação racional. Se por um lado isso certamente trará muito maior detalhamento na afirmação do efeito benéfico dessa tecnologia, pelo lado ambientalista o melhor preparo técnico para a compreensão e o apoio ao que é bom. A fome não se combate com ideologia, mas com recursos, educação e políticas públicas globais e locais.

Na lógica do “o que os olhos não vêem o coração não sente”, o mundo que bem se alimenta não sente a fome dos que não conseguem se alimentar..... e só se fala em aquecimento global, o vilão que vai gerar fome, doenças e crises!

Os verdes, que como diz o Xico Graziano, foram chamados de “melancias” pelos conservadores (verdes por fora e vermelhos por dentro) e de “porras loucas” pela esquerda socialista, hoje só lutam pelo que é sustentável. E a fome não sustenta, na linha do “saco vazio não fica em pé”.

A reunião de Copenhague, em meados de dez/09 colocou tudo isso num mesmo cesto, que tem um rótulo, ou a indicação: MUDAR, URGENTE!

O que se “implora” (os que tem a visão da catástrofe de “deixar para ver como é que fica”) é mudar as ações que levam às emissões dos gases do efeito estufa, de forma regulamentada, com prêmios e/ou multas; o que se sabe, também, é que iremos viver uma longa transição, após definido o novo Paradigma mundial. O ganha-ganha global significa, obviamente, que muitos deverão abrir mão do que lhes tem valia!

E a fome? E o clima? Retorna Malthus ou a nova revolução verde o sepultará de vez? O aquecimento recrudescerá a questão da fome?

O Brasil, formalmente através do comando do Itamarati, vem defendendo há décadas a abertura dos mercados como forma de combater as amarras à agricultura do mundo tropical, causadas pelo protecionismo e pela insensibilidade, que, aliás, comandaram o fracasso da recente reunião de Copenhague. Mais recentemente, defendeu, com postura de liderança, a produção e o uso dos biocombustíveis sustentáveis como forma de reduzir os efeitos do aquecimento global, estimular a sua oferta pelo mundo pobre e alavancar o desenvolvimento do chamado 3º Mundo.

Em excelente artigo (16/12/09), José Graziano da Silva (FAO – América Latina e Caribe) pondera que “Quando se coloca na balança uma criança subnutrida, o que está sendo pesado na verdade não é apenas um organismo enfraquecido, mas a síntese de uma lógica tão nefasta quanto a que derruba florestas, sopra destruição e exclui a possibilidade de vida digna a bilhões de pessoas de todo o mundo. A consciência do século XXI não pode mais negligenciar que, enquanto houver fome no mundo, não haverá futuro sustentável.”

A FAO, aliás, estima que 90% do aumento da produção necessária para alimentar o mundo em 2050, com 9 bilhões de bocas, virá de ganhos de produtividade e apenas 10% do aumento da área plantada globalmente. Retornando à Graziano da Silva, “isso reafirma a urgência de uma ação articulada para vencer a fome e o desequilíbrio ambiental conjuntamente.

Essa responsabilidade não é do produtor, seja de qual “commodity” produzir. Isso precisa ser reassumido pelos governos. É esse o seu papel, não a omissão ou os discursos populistas de criticar o setor privado e seus produtores, principalmente quando são os mais competitivos do mundo. Refiro-me, sim, ao governo brasileiro atual, que tem um grave problema psicológico:

bipolar (vai do 8 ao 80 rapidamente) – “os produtores de etanol no Brasil são heróis”; “os produtores de etanol no Brasil não são responsáveis”).

Heróis irresponsáveis, os produtores ganharam o rótulo pelas batalhas que se intensificaram na década de 1990, quando receberam do Governo FHC o rótulo de “últimos esqueletos do armário” apanhando inacreditavelmente, para depois voltarem a apanhar bastante da ideologia estatizante do PT, que insiste, no amanhecer de 2010, em não aceitar a lei da oferta e da procura e a necessidade do governo fazer o que é papel do governo.

Um olhar sobre o modelo de regulação do setor cana-de-açúcar, vê-se que a desregulamentação criou um vácuo de definições que acabam em discussões no mês de janeiro em anos alternados. As discussões giram em torno do mesmo tema: quem é o culpado! Afinal, ficou caro o etanol!

Essa forma imatura de relacionamento tem gerado desgastes maiores aos produtores, sem dúvida alguma. Isso certamente deve motivá-los a buscas maior pró atividade em relação ao tema. O que se verifica é um amontoado de Ministérios e de Agências que pensam o tema, separadamente.

Por outro lado, o produtor, com razão histórica, teme o governo e suas intromissões. Esse é um tema extremamente importante para uma visão prospectiva, seja quanto às metas de governo (e políticas para isso) ou quanto aos investimentos necessários e seguros para tal.

A maior preocupação em 2010 é a batalha da eleição presidencial e dos estados. Sempre, nesses casos, costuma-se criar versões ou bater em setores com imagem desgastada. Qual será o posicionamento do candidato da oposição? Também vai rotular os irresponsáveis?

A reunião de Copenhague, mesmo fracassando, serviu para abrir os olhos globais do que será necessário e do que cada país tem a oferecer. Vale lembrar que muito perto dessa reunião, ocorreu a de Roma, sobre a fome. O Brasil, sem sombra de dúvida é ator principal, não coadjuvante, desses dois temas candentes ao nível global, tendo, portanto, elevada responsabilidade no que faz e no que diz..... a incontinência verbal do Presidente Lula, e a ideologia da candidata da situação e uma certa antipatia do principal candidato da oposição, ao agronegócio, assustam muito!

Quem não pode assistir ao filme “Avatar”, assista-o, sem preconceito. Mostra como o mundo (Terra) deveria ser; como os déspotas realizam e como a natureza “sente”. Seria bom que os candidatos o assistissem!

Além das discussões sobre as políticas de câmbio e de juros, da necessidade urgente de investimentos em infra-estrutura e em educação, certamente se verá também a velha discussão da privatização versus estatização, a visão de mundo deverá ser apresentada pelos candidatos. Quadrado para um e oval para outro, o mundo redondo como conhecemos será, mais uma vez maltratado..... assim como os produtores, os consumidores, o XV de Piracicaba.....